



PROPP - Pesquisa

Dados do Projeto e do(a) Coordenador do Projeto

| | |
|--------------------------------|--|
| Título do Projeto | O circuito de (des)afetos e os rituais de <i>hostipitalidade</i> nas obras <i>O Silmarillion</i>, <i>O Hobbit</i> e <i>O senhor dos anéis</i>, de J. R. R. Tolkien: jornadas da alteridade na literatura de fantasia (Fase 02 de 03) |
| Referência da Chamada: | (X) BIC/UFJF e PIBIC/CNPq () PIBIC/CNPq AÇÕES AFIRMATIVAS () PROBIC/FAPEMIG () PROBIC-JR/FAPEMIG () Apoio ao Recém-Doutor () Apoio a Grupos de Pesquisa () Apoio à Instalação de Doutores () Cadastro na Propesq |
| Coordenador do Projeto: | Prof. Dr. Humberto Fois Braga |
| Equipe: | Prof. Dr. Guilherme Augusto Pereira Malta Prof. Dra. Miriane Sigiliano Frossard |
| Endereços para contato: | Eletrônico: humfois@gmail.com ou humberto.fois@ufjf.edu.br Telefônico: 32-98863-0491 |
| Unidade/Departamento: | Instituto de Ciências Humanas / Departamento de Turismo |
| Data: | 11 de maio de 2020. |

1 . Justificativa/Caracterização do Problema

A hospitalidade, enquanto momento de acolhimento e confronto de alteridades, só pode ser compreendida enquanto um ritual que se manifesta com maior intensidade através das viagens, posto que é a partir de uma mobilidade que surge a necessidade e o pedido de um asilo – quem está ou se sente em casa, por princípio, é sempre um potencial anfitrião daqueles que batem às suas portas. Neste sentido, como disse Derrida (2003), a hospitalidade é um ato que só toma sentido com a chegada de um viajante: "antes de dizer a questão do estrangeiro, talvez se devesse precisar: questão do estrangeiro" (DERRIDA, 2003, p. 05, destaques do autor). Ao relacionar hospitalidade e alteridade, Montandon (2011) argumenta:

No que diz respeito, conservamos a ideia de que, se a hospitalidade é constituída por um ritual bem estabelecido, e por vezes regulamentado ao extremo, essa é uma maneira manifesta que o grupo social tem de administrar a intrusão e a ingerência do outro, do estrangeiro [...]. Mas seria ingênuo pensar que a hospitalidade é um fenômeno universal e inteiramente compartilhado. Algumas sociedades que praticam a hospitalidade também podem ser *hostis* ao estrangeiro e, em vez de acolhê-lo, alimentá-lo, protegê-lo e honrá-lo, simplesmente mandam matá-lo (MONTANDON, 2011, p. 109).

Os encontros de alteridades devem ser analisados a partir de um ritual que está permeado por um sistema de crenças (MAUSS, 2008), afinal, é a religião, enquanto estrutura simbólica, que organiza o mundo de seus crentes e, com isso, promove diferentes modos de se vivenciar uma realidade (OLIVEIRA, 2015). Como reforça Montandon (2011, p. 107), "encontramos em numerosas religiões a ideia de que a hospitalidade é o fruto de uma aliança entre o homem e Deus¹", o que poderia colocar em conflito os mundos dos hóspedes e anfitriões que se encontram. Tais considerações sobre o (des)encontro com a alteridade são corroboradas e levadas ao extremo argumentativo por Todorov (2003, p.05) em sua obra *A conquista da América*, quando nos diz que "[...] o encontro mais surpreendente de nossa história" ocorreu com a Descoberta das Américas, pois "na 'descoberta' dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este sentimento radical de estranheza". Depois da colisão do velho com o novo mundo, "o encontro nunca mais atingirá tal intensidade [...]" (TODOROV, 2003, p. 05).

Todavia, podemos tomar uma postura cética em relação à tal profecia do filósofo búlgaro, caso levemos em consideração que o ato de confronto com a alteridade se pronuncia através de um corpo e, especialmente, de um rosto, pois é no tête-à-tête que somos confrontados a uma ipseidade que se manifesta em um "aqui estou" (LEVINAS, 1980). Por isso, no nosso mundo concreto do plano terrestre, seriam os animais que trariam uma cara que nos imporia uma presença absoluta de um Outro que nos escapa completamente (DERRIDA, 2002). Em outros termos: o acolhimento e conflito com a alteridade, esta *hostipitalidade* (DERRIDA, 2003), levam-nos à fronteira do não-humano, no caso os animais, mas que poderíamos emendar sugerindo todo o imaginário de um contato com mundos extraterrestres.

Logo, se levamos em consideração que é no rosto onde se manifesta a alteridade, o mundo ainda não banalizou a intensidade dos encontros, como sugere Todorov (2003), posto que os animais são as novas fronteiras de uma ética da relação, enquanto os territórios extraterrestre e fantasmagórico apontam para um devir. E enquanto esperamos estes encontros do porvir, quando seríamos apresentados a um rosto que escaparia ao humano, a literatura surge como alternativa para a construção ficcional e especulativa de encontros com alteridades que habitam outros mundos (BAYARD, 2014; ECO, 1994 et 2013). Nos "mundos possíveis" construídos pela literatura, novos paradigmas propõem sociabilidades que trazem diferentes maneiras de impor ao leitor um "sentimento de alteridade" (BAYARD, 2014, p. 134). Pensamos, neste caso e mais especificamente, na literatura de fantasia, onde o estranho de um mundo-outro é construído de maneira a provocar um desconforto no leitor humano, e por isso não deve ser visto somente como direcionada ao público infanto-juvenil,

¹ Entendemos esta divindade em seu sentido plural e não meramente cristão. Isto nos possibilita expandir a reflexão para outras crenças não monoteístas, como também para aquelas construídas em obras ficcionais, como as de fantasia que mencionaremos posteriormente.

porque os adultos também teriam prazer em se confrontar com este mundo alternativo de fantasia (TOLKIEN, 2010). Em outros termos:

[...] porque no uso corrente do termo as histórias de fadas não são histórias *sobre* fadas ou elfos, mas sim sobre o Belo Reino, *Faërie*, o reino ou estado no qual as fadas existem. O Belo Reino contém muitas coisas além de elfos, fadas, anões, bruxas, trolls, gigantes ou dragões. Contém os oceanos, o Sol, a Lua, o firmamento e a terra, e todas as coisas que há nela: árvore e pássaro, água e pedra, vinho e pão, e nós, os homens mortais, quando estamos encantados (TOLKIEN, 2010, p. 15).

Percebemos que os "mundos possíveis" arquitetam uma pluralidade de alteridades que exigem um posicionamento do leitor ao "suspender a descrença" (ECO, 1994, p.81). Todavia, este Belo Reino não consegue escapar da linguagem e dos referentes do nosso mundo: como imaginar uma pedra e uma árvore de modo diferente ou ignorando nossas experiências terrestres? Como nos diz Eco (1994, p. 89): "e, assim, temos de admitir que, para nos impressionar, nos perturbar, nos assustar ou nos comover, até com o mais impossível dos mundos, contamos com nosso conhecimento do mundo real [...]. Isso significa que os mundos ficcionais são parasitas do mundo real".

Vemos, pois, que a alteridade do mundo da fantasia impõe uma paisagem que enquadra e define estes personagens ficcionais que transitam e habitam a *Faërie*. Logo, para falar de uma alteridade nestes mundos, é preciso lançar mão de uma geopoética e geocrítica (COLLOT, 2012; COSGROVE, 1998), porque não é somente o rosto destes personagens fantásticos, mas também o ambiente onde eles frequentam, que impõe uma ipseidade que escapa ao humano. Tolkien (2010, p. 16) comenta que o Belo Reino onde se passam estas histórias de fadas "[...] não pode ser capturado numa rede de palavras, porque uma de suas qualidades é ser indescritível, porém não imperceptível". Por outro lado, existe um imaginário paisagístico e cartográfico para estes reinos, o que levou Alberto Manguel e Gianni Guadalupe a produzirem o *Dicionário de lugares imaginários* (2003, p. VII): "tomaríamos por suposto que a ficção era realidade e trataríamos os textos escolhidos com a mesma seriedade com que se encaram os relatos de um explorador ou cronista, utilizando apenas as informações fornecidas pela fonte original, sem 'invenções' de nossa parte". São diversos verbetes que buscam cartografar e comentar a paisagem de várias obras de fantasia, promovendo um guia ilustrado de viagem por lugares literários. É assim, nos rostos, nas crenças e nas paisagens, que devemos compreender as aventuras da hospitalidade de *Alice no país das maravilhas*, de Pedro, Susana, Edmundo e Lúcia Pevensie em *As crônicas de Nárnia*, de Arthur Dent em *O guia do mochileiro das galáxias*, de Wendy em *Peter Pan*, de Dorothy em *O mágico de Oz etc ad infinitum et ad nauseam*.

Nestas obras, os seres-humanos atravessam fronteiras que os levam para o Belo Reino construído sobre novas formas de paisagem, e ao longo de seus deslocamentos são postos em contato com diversas alteridades às quais devem pedir hospitalidade, tendo que conviver com rostos e seus rituais de acolhimento, que tendem a escapar das referências de uma cultura humana. Por isso mesmo, "a maioria das boas 'histórias de fadas' trata das *aventuras* dos homens no Reino Perigoso ou em seus confins sombrios" (TOLKIEN, 2010, p. 15, grifo do autor). Por derivação, podemos sugerir que literatura de fantasia se estrutura em uma narrativa mítica e arquetípica, estudada por Joseph Campbell (2007) a partir da "jornada do herói"².

Na verdade, não são só os seres-humanos que vivem aventuras nos reinos das fadas, pois os próprios seres fantásticos constroem um universo fechado onde empreendem seus deslocamentos *aventurescos*. Tomemos, como exemplo, as obras *O Silmarillion*, *O Hobbit* e a trilogia *O senhor dos anéis*, do já mencionado J.R.R. Tolkien (2002), que embora apresente personagens humanos, eles são

² A jornada do herói evoca um inconsciente coletivo que estrutura diversas narrativas míticas da humanidade, tendo como argumento o deslocamento realizado por um personagem (herói) com o intuito de conquistar um objetivo, passando por diversos desafios que devem ser vencidos ao longo desta jornada de autoconhecimento. Embora possua diversos estágios, Campbell (2007) destaca que a jornada possui três etapas que, por conseguinte, estruturam alguns momentos axiomáticos da narrativa: i. a partida (o chamado da aventura, a recusa do chamado, o auxílio sobrenatural, a passagem pelo primeiro limiar, o ventre da baleia); ii. a iniciação (o caminho de provas, o encontro com a deusa, a mulher como tentação, a sintonia com o pai, a apoteose, a bênção última); iii. o retorno (a recusa do retorno, a fuga mágica, o resgate com auxílio externo, a passagem pelo limiar do retorno, senhor dos dois mundos, liberdade para viver).

coadjuvantes em uma aventura da hospitalidade pelas diversas eras da *Terra Média* e que envolve raças como hobbits, anões, elfos, magos, ents, ungoliantes, Tom Bombadil, Sauron, orcs etc. Nesta sociedade multicultural, diferentes paisagens e sistemas religiosos acabam por constituir uma rede de afetos que se interceptam quando o viajante demanda hospitalidade ou é absorvido como refém de uma hostilidade quando adentram as terras de um inimigo. Por isso, as obras de Tolkien, mais especificamente nesta fase do projeto, os romances *O Hobbit* e *O senhor dos anéis* (*LoR* - acrônimo para *Lord of the rings*) interessam-nos como narrativas favoráveis à uma crítica literária a respeito do ritual da *hospitalidade*, pois são histórias perpassadas por alteridades que vão além da humana. Ela nos traz uma possibilidade de pensar como a literatura de fantasia apresenta ao leitor sociedades não-humanas convivendo através dos acolhimentos, disputas e partilhas que estão, em última instância, perpassadas por sistemas de crenças e por paisagens que modelam um estar e um conviver num mundo que não é o nosso.

E, para além de sua estrutura narrativa, é também enquanto fenômeno cultural que as obras de J.R.R. Tolkien nos interessam. Por exemplo, é inegável a importância histórica de *LoR*, pois tendo sido lançada originalmente em 1954, estima-se que a obra esteja entre as cinco mais vendidas no mundo, com um total de 150 a 170 milhões de cópias legais (REVISTA BULA, 2018): “O Senhor dos Anéis’ foi considerado o livro favorito do milênio pelos clientes da Amazon em 1999 e o romance preferido de todos os tempos na Grã-Bretanha na pesquisa ‘The Big Read’ da BBC em 2003” (REVISTA EXAME, 2019). Sua importância também se deve quando analisamos os produtos derivados desta literatura: a série de filmes, lançados entre 2001 e 2003, foi eleita entre as cem melhores obras cinematográficas de todos os tempos pela revista norte-americana *The Hollywood Reporter*, conquistando também 17 estatuetas do Oscar (REVISTA EXAME, 2019). E a influência transmidiática do universo mítico da *Terra Média* promete reforçar ainda mais os clássicos de Tolkien, quando nos deparamos com a notícia de que a *Amazon Prime*, rede de streaming da *Amazon*, adquiriu o direito de produção de uma série televisiva inspirado nos fatos que constituem a segunda era da *Terra Média*, sendo até o momento a negociação mais cara da história da televisão e com a primeira temporada prevista para estreiar em 2020/2021 (REVISTA EXAME, 2019). Por isso, estudar e desvendar as alteridades e as estruturas da *hospitalidade* que perpassam tais obras é uma forma de promover uma crítica literária capaz de atingir um grande público de leitores e de fãs interessados no universo de Tolkien.

Buscamos, então, compreender como a jornada do herói estrutura o ritual da *hospitalidade* nas obras *O Hobbit* e *O senhor dos anéis*, de J. R. R. Tolkien (2002). Para tanto, definiremos que a *hospitalidade* é um ritual perpassado por momentos de hospitalidade e de hostilidade, e que, em termos metodológico, deve ser analisado levando em consideração o rosto, a paisagem e os sistemas de crença que mediam estes encontros entre hóspedes e anfitriões presentes na obra.

Para a discussão de tal estrutura ritualística da *hospitalidade*, pautar-nos-emos nos estudos de Steve Reece (1993), que em sua obra *The stranger’s welcome: oral theory and the aesthetics of the Homeric hospitality scene* analisa a sequência das ações que compõem o ritual do acolhimento do estrangeiro na *Odisseia*, de Homero. O pesquisador elenca 25 ações que comporiam as cenas típicas de hospitalidade na obra grega, sendo a primeira nomeada como “donzela no poço / jovem na estrada”, caracterizando a aproximação do estrangeiro da casa de seu possível anfitrião, e a última denominada “escolta até o próximo destino do visitante”, quando o hóspede parte da casa de seu anfitrião para continuar sua jornada. Em seus estudos, Reece (1993) analisa algumas das principais cenas de hospitalidade da *Odisseia*, argumentando que as variações, omissões ou extensões do ritual tradicional de acolhimento trazem um significado para a cena narrada.

O ritual de hospitalidade se torna, então, um caminho possível e pertinente para compreender a *Odisseia* e, por conseguinte, um enfoque privilegiado para análise crítica de obras literárias estruturadas em uma narrativa do deslocamento, pois neste caso sempre haverá o estrangeiro em busca de acolhimento em outras terras que, por definição, não são as suas; ou seja, sempre haverá o viajante em busca de um anfitrião que o acolha. É nesta perspectiva que analisaremos as obras, realizando, primeiramente, o levantamento das cenas típicas da hospitalidade ao longo dos romances³

³ Temos diversos momentos emblemáticos do ritual da hospitalidade e da hostilidade em *O Hobbit* e *LoR*. Alguns exemplos, são: Gandalf na vila dos hobbits; o aniversário do Bilbo Bolseiro; os hobbits, humanos e anões em Valfenda e Lothlórien (terras dos elfos); os humanos, elfos e hobbits em Moria (terra dos anões); Frodo sofrendo hostilidade da aranha Laracna; a hospitalidade humana nas Terras de Gondor e Rohan; os

e, posteriormente, desenvolvendo uma reflexão sobre o ritual da *hostipitalidade*, levando em consideração o rosto da alteridade (i.e., a linguagem, físico e indumentárias), a paisagem que contextualiza o ambiente (i.e., formas visíveis, composição e estrutura espacial, expressões de uma cultura; símbolos e significados) e o sistema de crença dos envolvidos nestes gestos (i.e. a tessitura religiosa ou sua ausência percebida em ritos, mitos e objetos). Enfim, se o ritual da hospitalidade pode ser interpretado a partir de uma sequência de ações (deferência, travessia de soleiras, abluções, refeições, troca de presentes, despedidas etc.), estas cenas estão inseridas em um *ethos* que se ergue a partir da paisagem e das crenças que envolvem os corpos dos hóspedes e anfitriões.

O que nos chama a atenção nos estudos sobre a jornada do herói, e mais especificamente quando pensamos na literatura de fantasia, é a ausência de uma análise sobre a questão da hospitalidade/hostilidade nestas estruturas narrativas. Ora, se a literatura de fantasia impõe um mundo de seres (humanos e outros) em uma jornada, os acolhimentos e contatos com a alteridade nestes reinos são premissas importantes para compreender os processos de transformação pelos quais passam o estrangeiro/viajante e seus anfitriões que habitam as paisagens do trajeto. Logo, cremos que esta é uma contribuição que a presente pesquisa trará à crítica literária e, para tal, a equipe contará com três professores que trarão uma transdisciplinaridade aos estudos: participarão das análises um doutor em estudos literários, um em geografia e outra em ciência da religião. Será esta triangulação temática que nos permitirá trazer à luz interpretativa a pluralidade ritualística da *hostipitalidade* não-humana, desvendo como as múltiplas alteridades constituem um circuito de (des)afetos nas obras de J.R.R. Tolkien. E ao estudarmos um clássico popular da literatura de fantasia, lançando um olhar sobre o ritual de convivência e desavenças com a alteridade, acreditamos que contribuiremos para aproximar os estudos literários do vasto público de leitores das obras de J. R. R. Tolkien. Em outros termos: a pesquisa traz uma contribuição acadêmica para obras que estão realmente sendo lidas, e por isso se torna uma possibilidade para as universidades públicas contribuírem com as discussões literárias que ocorrem nas esferas públicas constituídas por uma grande base de leitores.

Finalmente, vale ressaltar que este projeto constitui o segundo momento de uma pesquisa a ser desenvolvida em três fases. A primeira fase ocorreu ao longo dos anos de 2019/2020, quando nos dedicamos à construção do referencial teórico através de um vasto levantamento e leitura de referências bibliográficas sobre as temáticas estudadas. Ainda nesta primeira fase, um grupo de leitura foi constituído, permitindo-nos analisar os rituais de *hostipitalidade* nas obras *A sociedade do anel* e *As duas torres* que compõem a trilogia *LoR*. Neste atual momento da segunda fase, com as metodologias e referências bibliográficas mais consolidadas, o projeto 2020/2021 visa analisar as problemáticas da pesquisa no livro 03 de *LoR*, denominado *O retorno do rei*, bem como na obra *O Hobbit* que em termos cronológicos antecede os acontecimentos narrados em *LoR*. Futuramente, a terceira e última fase, projetada para 2021/2022 fará as pesquisas na obra *O Silmarillion* e consolidará os dados a partir da construção de um panorama coerente dos resultados das pesquisas realizadas ao longo destes anos.

2 . Objetivos

Objetivo Geral:

Compreender como o ato de ultrapassar fronteiras, promovido pela jornada do herói, estrutura o ritual da *hostipitalidade* (hospitalidade/hostilidade) na obra *O retorno do rei* que compõe o último livro da trilogia *O senhor dos anéis* e no romance de aventura *O Hobbit*, ambas de J. R. R. Tolkien. Desta maneira, perceber como as múltiplas alteridades e sociabilidades que permeiam tais obras constituem um circuito de (des)afetos entre os diferentes grupos sociais habitantes do reino da *Terra Média*.

hobbits sendo acolhidos pelos ents (barbávores) na floresta de Fangon; o submundo dos orcs frequentado pelos anões e elfos; Frodo na casa de Tom Bombadil; hobbits e humanos na estalagem Pônei Saltitante; Gandalf sendo recebido por Saruman na sua fortaleza de Isengard; a invasão dos hobbits à fortaleza de Morgoth etc.

Objetivos Específicos:

1. Perceber como se articulam os conceitos da "jornada do herói" e o de "cenas típicas da hospitalidade", levando em conta os estudos de Joseph Campbell, em sua obra *O herói de mil faces* (1989), e os de Steve Reece (1993), em seu livro *The stranger's welcome: oral theory and the aesthetics of the Homeric hospitality scene*.
2. Apreender o conceito de *hostipitalidade* desenvolvido por Jaques Derrida, em sua obra *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade* (2003) e em outros textos dispersos, cotejando-o com as discussões sobre teorias do conflito estudadas por George Simmel (1983).
3. Discutir o conceito de "mundos possíveis" na literatura, levando em consideração os trabalhos de Pierre Bayard, especialmente em seu livro *Il existe d'autres mondes* (2014), e os de J.R.R. Tolkien a respeito do Reino do Belo em sua obra *Sobre histórias de fadas* (2010).
4. Compreender o universo da *Terra Média* de J.R.R. Tolkien, realizando levantamento de pesquisas acadêmicas e de demais produtos culturais relacionados com a temática.
5. Ler, mapear e analisar as cenas típicas de acolhimento nas obras *O retorno do rei* e *O Hobbit*, percebendo como a paisagem e as crenças dos personagens (hóspedes e anfitriões) envolvidos em tais cenas de *hostipitalidade* condicionam comportamentos e, deste modo, ditam condutas.
6. Cotejar as diversas cenas de *hostipitalidade* repertoriadas, para perceber como as múltiplas alteridades que permeiam a *Terra Média* de Tolkien constituem um circuito de (des)afetos entre raças e etnias, fazendo assim surgir padrões e desvios comportamentais entre os povos ficcionais estudados.

3 . Metodologia e Estratégias de Ação

O roteiro para o desenvolvimento da presente pesquisa seguirá as fases abaixo elencadas, tendo como intuito estabelecer um panorama teórico-reflexivo das problemáticas propostas:

- **Fase 01:** continuação do levantamento e leitura de livros e artigos acadêmicos que dialoguem com a temática dos estudos. Aqui, tais pesquisas serão realizadas em livrarias, bibliotecas e outras plataformas virtuais de distribuição de textos científicos.
- **Fase 02:** Levantamento, leitura e fichamento de artigos contendo pesquisas acadêmicos e demais produtos culturais que analisam as obras *O retorno do rei* e *O Hobbit*, ambas de J.R.R. Tolkien.
- **Fase 03:** Continuação e expansão do grupo de leitura coletiva das obras de J.R.R. Tolkien, com mapeamento e análise das paisagens e cenas típicas de acolhimento nas obras. Provavelmente, a expansão do grupo ocorrerá via ferramentas de reuniões virtuais.
- **Fase 04:** Análise comparativa dos padrões e desvios de comportamento nos rituais da *hostipitalidade* empreendidos pelos povos ficcionais que permeiam a *Terra Média*, constituindo, assim, o circuito de (des)afetos da *hostipitalidade*.
- **Fase 05:** Democratização dos resultados da pesquisa a partir de 04 eixos: i. participação em eventos acadêmicos; ii. submissão de artigos em revistas científicas; iii. apresentação dos resultados em disciplinas da UFJF e de outras instituições de ensino que dialoguem com as temáticas pesquisadas (e.g. *Dimensões da Hospitalidade* do Departamento de Turismo; disciplinas do PPGET: Estudos Literários etc⁴.); iv. elaboração de uma série de textos curtos (2.800 caracteres com espaço) e/ou de vídeos/podcasts (máximo de 15 minutos) de maneira a popularizar o conhecimento em estilo coluna/reportagem jornalística/documentário.

Paralelamente a todas estas fases, haverá o monitoramento de eventos e revistas na área que contemplem as discussões aqui propostas, possibilitando-nos a submissão de artigos com resultados parciais da pesquisa.

⁴ Estas são apenas sugestões de algumas disciplinas e instâncias possíveis de apresentação.

4 . Resultados e os impactos esperados

- Serão atendidas as demandas específicas determinadas pelo edital, a saber: i. o relatório final; ii. participação no Seminário de Iniciação Científica da UFJF (2021); iii. orientação de alunos participantes do projeto, com o intuito de capacitar novos pesquisadores.
- Sendo tal projeto o início de um estudo que visa consolidar tal discussão a respeito da *hospitalidade* e da viagem na literatura de fantasia, e levando em consideração o ineditismo da proposta, desenvolveremos conceitos capazes de definirem categorias analíticas aplicáveis a outras obras literárias que se enquadrem nesta tendência contemporânea.
- Elaboração de, ao menos, dois artigos acadêmicos para apresentar os resultados parciais da pesquisa em eventos e revistas científicas. Posteriormente, com o término do projeto, o relatório nos dará subsídios para elaborarmos outros artigos contendo os resultados finais.
- Elaboração de material didático-pedagógico a ser utilizado nas intervenções a serem realizadas nas disciplinas de diferentes cursos da UFJF ou de outras instituições.
- Elaboração de textos curtos (formato coluna/reportagem jornalística) e/ou de vídeos/podcasts de 15 minutos (minidocumentários), com o intuito de difundir e popularizar o conhecimento a partir de uma linguagem acessível e direcionada ao grande público.
- Formação de parcerias entre o curso de Turismo e a Faculdade de Letras da UFJF, para discutir tais convergências temáticas.

5 . Cronograma

| FASES | ATIVIDADES | ANO / MÊS | | | | | | | | | | | |
|-------|---|-----------|----|----|----|----|------|----|----|----|----|----|----|
| | | 2020 | | | | | 2021 | | | | | | |
| | | 08 | 09 | 10 | 11 | 12 | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 |
| - | Monitoramento de eventos e chamadas de revistas. | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x |
| - | Elaboração progressiva do relatório. | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x |
| 01 | Levantamento e leitura de livros e artigos sobre os conceitos teóricos que embasam a pesquisa. | x | x | x | x | x | | | | | | | |
| 02 | Levantamento, leitura e fichamento de artigos contendo pesquisas acadêmicas e demais produtos culturais que analisam as obras <i>O retorno do rei</i> e <i>O Hobbit</i> . | | | | | x | x | x | x | | | | |
| 03 | Organização e expansão do grupo de leitura coletiva das obras de J.R.R. Tolkien. | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x |
| 04 | Análise comparativa dos padrões e desvios comportamentos dos rituais da hospitalidade entre os povos ficcionais que permeiam a <i>Terra Média</i> . Constituição do circuito de (des)afetos da <i>hospitalidade</i> . | | | | | | x | x | x | x | x | x | |
| 05 | Democratização dos resultados das pesquisas a partir dos 04 eixos apontados. | | | | | | | | | | x | x | x |

6. Orçamento

Não se aplica.

7. Referências Bibliográficas

- BAYARD, P. *Il existe d'autres mondes*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2014.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo: Pensamento, 2007 [1949].
- COLLOT, M. Rumo a uma geografia literária. *Revista Gragoatá*, n. 33, p. 17-31, Niterói (RJ), 2012.
- _____. *Poética e filosofia da paisagem*. Rio de Janeiro: Ed. Oficina Raquel, 2013.
- COSGROVE, D. A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: *Paisagem, Tempo e Cultura*. CORRÊA, R.L.; ROSENDAHL, z. (orgs.). Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998 [1989].
- DERRIDA, J. *Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar Da Hospitalidade*. São Paulo: Ed. Escuta, 2003.
- _____. *O animal que logo sou*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- DURKHEIM, E. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Martins Fontes, 2014 [1912].
- ECO, U. *Confissões de um jovem romancista*. São Paulo: ed. Cosac Naify, 2013.
- _____. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- LEVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1980.
- MANGUEL, A.; GUADALUPI, G. *Dicionário de lugares imaginários*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- MAUSS, Marcelo. *Ensaio Sobre a Dádiva*. Lisboa: Edições 70, 2008 [1950].
- MONTANDON, A. (org.). *O livro da hospitalidade: acolhida do estrangeiro na história e nas culturas*. São Paulo: Ed. SENAC, 2011.
- OLIVEIRA, I.D. *Religião e as teias do multiculturalismo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- ORTEGA, F. *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Sinergia, Relume Dumará, 2009.
- REECE, S. *The stranger's welcome: oral theory and the aesthetics of the Homeric hospitality scene*. Ann Arbor: University of Michigan Press, 1993.
- REVISTA BULA. *Os 10 livros mais vendidos da história*. Disponível em: <https://www.revistabula.com/475-os-10-livros-mais-vendidos-da-historia/>. Publicado em: agosto de 2018. Acesso em: 20 de abril de 2019.
- REVISTA EXAME. *Hollywood elege os 100 melhores filmes de todos os tempos*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/hollywood-elegeu-os-100-melhores-filmes-de-todos-os-tempos/>. Publicado em: 12 de março de 2019. Acesso em: 20 de abril de 2019.
- _____. *Amazon lançará série de "O Senhor dos Anéis"*. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/amazon-lancara-serie-de-o-senhor-dos-aneis/>. Publicado em: 08 de fevereiro de 2019. Acesso em: 20 de abril de 2019.
- SAFLATE, V. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. São Paulo: Ed. Autêntica, 2016.
- SIMMEL, G. *George Simmel: sociologia*. São Paulo, SP: Ed. Ática, 1983.
- TODOROV, T. *A conquista da América*. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1983].
- TOLKIEN, J.R.R. *O Hobbit*. São Paulo: Martins Fontes, 2012 [1937].
- _____. *Sobre histórias de fadas*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010 [1964].
- _____. *O senhor dos anéis*. São Paulo: Martins Fontes, 2002 [1954, 1966].
- _____. *O Silmarillion*. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [1977].